

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

A rugido do "Dente de Ouro," ✓

Um brado de revolta — O que foi o 14 de maio
— Os radicalismos e os conservantismos — Em
volta da morte de monarchicos e de republ-
icanos — Uma mentira, no fundo da qual palpi-
ta uma verdade ?

O 19 de outubro, que se desenvolvera em crimes, se mergulhara no sangue inocente, acabou em rugidos. Dentro do tribunal, os assassinos, ao verem-se condenados, apostrofaram os julgadores e dos seus labios frementes de raiva, borbulhados da espuma feroz dos chacais em delirio, saíram imprecações terriveis que deviam ter feito enlvidecer algumas frentes de juizes. A' mistura com as suas coleras brutais borbobavam os clamorosos vivas à república radical. Aliavam-na—num horror!—ao sangue dos republicanos trucidados na traição. Que singular mistura?! *Dente de Ouro*, chefe incontestado da fila dos criminosos, empurrou a sentinela e apontando o sr. comandante Freitas Ribeiro—di-lo a *Epoca*—acusou-o rijamente:

—«*Que autoridade moral tem você para nos condenar . . . Você não se lembra de ter mandado assassinar a comandante Nunes da Silva ?*

Logo, num impeto, outro marinheiro, José Felix, o secundou:

—«*Foi aquele que mandou matar o comandante Nunes da Silva . . . foi ele . . . Eu cada vez sou mais extremista !*

Que quer isto dizer? Estes brados que o tribunal ouviu, o publico comenta e os jornais reproduzem tem uma base ou são apenas a explosão dum odio?

Evoca-se, então, a noite de 13 de maio, o assalto aos navios que se rebelavam contra a tentativa honesta de Pimenta de Castro, da obra de dois velhos republicanos—Arriaga, o patriarca da ideia, linda cabeça romantica, branca e digna—o general audaz, intemerato, que mesmo no

tempo da monarquia, à república se doava—e vê-se, e sente-se, pela calada, os oficiais que tinham corrompido os marinheiros, tratado com eles a insubordinação, avançarem para o portaló de onde se afastou a sentinela peitada, numa continência muda. Então soaram os primeiros alarmes, sob a claridade doce do luar de maio florido, a quebrar o silencio do rio dourado, e um marinheiro de quem fui amigo, um superior daqueles que iam fazer a tomada do seu navio, tendo aliciado os seus soldados, surge para domar a revolta. Era ainda parente do chefe do governo, um leal character, um official cumpridor dos seus deveres, e, na balburdia da ancia da vitória, os tiros passaram rapidos sobre ele, atingiram-no por fim, e caiu desemparrado na surpresa do assalto miseravel na noite da traição.

Noutro barco sucedia o mesmo ao seu comandante, a Assis Camilo e tingindo-se do sangue de dois cumpridores dos seus deveres essa aurora que raiava, como um triunfo de crimes, foi a apoteose dos vencedores sem combate. Noite de cilada, noite de miserias morais, noite maldita, foi aquela em que deliberaram—diziam eles—salvar a república com chefes cuja maioria não era republicana. O que foi, pois esse movimento? A genese, a base, a semente, o germen de onde brotou esta seara da vingança; a gota primeira, inicial, mãe desta enorme maré de sangue no meio da qual, marinheiros, cúmplices desse acto, accusam o seu official dessa hora, um dos chefes do 14 de maio:

—*«Que autoridade moral tem você para nos condenar... Você não se lembra de ter mandado assassinar o comandante Nunes da Silva?»*

Isto é tremendo; é horripilante! Embora não passe dum violento desabafo de condenado para o seu juiz é um singular grito de quem lança sobre o julgador de agora as culpas do comandante da sedição.

E é assim mesmo. *O Dente de Ouro*, assassino do meu pobre Machado dos Santos, sem o qual toda essa turba devorista de hoje não passaria de algum banal amanuensado, cúmplice da morte do meu querido Maia, sem cuja acção essa horda lamberia ainda os degraus do trono, disse talvez uma mentira, mas soltou um grande argumento de defeza.

O que ele quiz dizer todos nós o pensamos. Desde que ha officiaes assaltando navios onde estão os seus camaradas, tomando-os, sob o sangue derramado por eles, sangue de irmãos, de colegas, de soldados, que se espera a cada novo movimento, que se aguarda a cada passo dos chamados libertadores! Chacinas! O senhor Freitas Ribeiro poderia não ter mandado assassinar Nunes da Silva mas tanto como os seus companheiros da revolta chancelou esse crime dando-lhe a sua presença ou indo tomar o comando depois desse atentado. Officiaes de marinha instalados numa coberta por onde correu sangue de camaradas, vítimas de rebeliões que eles comandavam, não tem, na realidade, direito de julgar marujos insubmissos, revolucionarios armados que nas noites sinistras, como as das suas vitórias, chacinam outros agaloados em nome da rebelião.

Mas que extranha accusação no seu colectivo significado! Quer dizer: nós marujos, matamos os superiores, mas vocês officiaes, serviram-se dos nossos tiros disparados contra colegas vossos para subirem, dominarem, ganharem novas posições.

Da bôca, talvez mentirosa do *Dente de Ouro*, saiu, todavia, uma ver-

dade. Esta, clara, forte, bem recortada: O' homens da cilada do 14 de maio, quem vos absolveu já, para que possais julgar?

Como eu me lembro desse tiroteio, ainda mais miseravel por ser feito sobre uma cidade aberta, sem defeza; como recordo esse raiar da manhã em que já corriam rios de sangue, da primeira tentativa contra Machado dos Santos, dos seus sofrimentos a bordo — que mos narrou com as faces escarlatadas de vergonha — de toda essa inversão de poderes que o 14 de maio — o crime de 14 de maio — trouxe à sociedade portugueza?! Dele vem o mal todo desde a ida para a guerra, na situação em que colaborarmos, a nossa ruína, o nosso descalabro e a insubordinação, a aprovação do assassinio de officiais que, sem duvida, gerou no animo dos inferiores o desejo de abater mais.

Pois não se glorificou o 14 de maio? Não subiu á varanda da Camara Municipal o senhor Sá Cardoso para proclamar — meu Deus! que ignorancia e que petulantismo! a segunda república?! A não ser que quizesse justificar a sua deserção, na hora em que se proclamou a primeira e unica, não se compreende, senão como reminiscencia de pessimas leituras, esse brado solto da varanda municipal. O que se entende, porém, é a voz do *Dente de Ouro* lançando, na sua furia, o berro condenatorio.

E' que os marujos fizeram, durante aquela epoca de dominio, que tanto feriu o país, tudo quanto desejaram. Uma onda de colera popular foi para essa armada, tão sã de outrora como o almirante Mesquitela a descreve; uma furia subiu e dentro dos alcaches começaram a germinar ferocidades. E' assim. Pois se os officiais os aplaudiam e pagavam — é o termo — aumentando-lhe os soldos, as primeiras mortes dos seus irmãos de armas porque não deviam continuar? E assim fizeram, embora já sem eles, talvez sem que os mandassem á chacina, no que eu tambem não acredito. Os marinheiros deviam relembrar a paga em dinheiro mas não esqueceram decerto o desdem dos que deles se aproveitaram.

Numa tarde de festa, a bordo do navio almirante, quando se dançava, ao som das musicas naquela coberta, onde o sangue correra, uma volta de mar lançou um homem pela borda fóra. Gritou-se mas o baile estava animado, os instrumentos abafavam as vozes e o corpo do marinheiro lá foi na corrente para aparecer mais tarde carcomido, dentado, com o inchaço do naufrago e o verde da putrefação, na praia da Trafaria. Era o cadaver dum cumplice dos revolucionarios do navio; era a sentinela que deixou passar os officiais rebeldes na noite em que foi assassinado Nunes da Silva.

Devem recordá-lo esses marujos tão audaciosos e tão emproados depois da vitória da noite sinistra. Daí, possivelmente, nasceria a ancia de actuarem a seu belo prazer, por sua conta, satisfazendo em Machado e Maia — conservadores — as suas sêdes de radicalistas. E quem lhas ateou? Os officiais que os levaram contra Pimenta de Castro. Tudo quanto não fôr radical é contra a República — gritaram-lhes. O conservantismo é um crime tão grande que até faz desculpar, por officiais de marinha, a morte dos seus camaradas no posto da honra defendido diante duma guarnição revoltada. Por consequencia, na noite de 19 de outubro acabou-se o que não se realisara no 14 de maio. Só os marujos ficaram radicais; os seus chefes são hoje tão conservadores — satisfeitas as suas ambições — como aqueles que foram vencidos naquela data

terrível. E, então, num berro formidável que ecôa por todo o país, alastra terrivelmente e se encrusta, nas almas, o *Dente de Ouro* acusa um dos seus julgadores dum facto que pôde ser uma mentira, na parte positiva do gesto, da palavra, da ordem para se assassinar Nunes da Silva mas que representa a condenação dos que se aproveitaram dessa noite, feita em nome duma ideia, a mesma, defendida agora pelos assassinos do 19 de outubro.

Que se gritava em 14 de maio? Viva a república radical!

O que aclamaram os condenados? A república radical!

Alguns julgaram-se tão estruturalmente ligados ao regimen que sentiram «a machadada final» dada na república pelo tribunal que os punia.

Extranho espectáculo aquele e creia-se que, no fim de tudo, a frase do *Dente de Ouro*, jamais esquecerá. Disse-a numa colera profunda, feroz, num arranco. Mentia; mas no fundo pronunciou uma grande verdade: não tem direito de julgar quem sobre o sangue de camaradas cimentou a sua vitória.

Por debaixo de toda esta tragedia de outubro ha ainda os lampejos sinistros da obra começada na noite de maio das rosas vermelhas em que se avermelharam de sangue de oficiais da armada as camisolas dalcache, dos que presentemente o querem fazer distinguir sobre os galões dos seus chefes.

O "Apoderado" do Grão duque

Uma pagina de amarguras régias — Os príncipes e os homens de dinheiro — Extranhas funções de filhos de reis — A sociedade cosmopolita — Como desperta um homem

A vida dos príncipes russos tornou-se peor que a dos parias. Teem que representar o que foram, apesar de já não possuírem os meios de o faser. Ostentar a magestade da desgraça é mais dispendioso do que a da felicidade. A'quela ninguem fia.

E, pois, assim que alguns grãos duques andam aos dias, aposentados, hospedados, se quiserem, por varios castelos, palacios, vilas aristocraticas, a darem-se a ilusão do luxo, lhes pertencer e pagando, com a sua presença, o pão untadinho de *foie gras* que lhes oferecem e o Pomery dos seus repastos. A estada dum desses infortunados numa casa, dá direito ao dono de mandar para o *Figaro* um *entrefilet*, no qual se diga: «Sua alteza imperial o grão duque F. . . está sendo hospede do senhor F. . . na sua linda vila de Cannes».

Concede, tambem, outra vantagem, a do hospedeiro poder diser ás suas outras visitas:

—Coitado do grão duque . . . anda com as minhas ceroulas . . . Mal sabem o estado em que ele tem as meias . . . Oh! são terriveis estes infortunios das realezas . . .

Geralmente, nestas casas, cahem individuos de todo o jaez; já se vê, enriquecidos. Veem os industriais e os comerciantes com filhas caseiras, os financeiros em boa sorte, aqueles que se consideram já livres de Mazas ou da Cayenna, os *parvenus* de todas as raças e de todos os feitios que, apresentando o ar condeído de faserem a sua côrte ao príncipe infeliz, lhe procuram impingir uma das suas herdeiras para esposa, o seu nome para uma marca de graxa, ou para um conselho de administração, a sua assinatura para uma pouca vergonha ou simplesmente poderem diser que jantaram ao seu lado.

Um grão duque que chega a isto, devia dar um tiro na cabeça em vez de se exhibir como um fenomeno. Mas os grãos duques—o mundo vai em *panne*—descidos das pompas das suas côrtes, preferem firotear os parceiros que lhes dão jogos em vez de estalarem os craneos. Vivem deste modo, deixam aproximar-se deles essa sociedade mesclada, esta fauna da vida moderna, os limos dourados da vasa social que encalha-

ram na praia das fortunas suas podiam ter ido dar a uma cloaca de marujos.

Em torno de suas altezas, fазem o seu reclamo, tomam atitudes e essa friste boémia do exilio é explorada em seu proveito, como os outros que cõem sob as suas mãos nas horas turvas dos negocios. Ter um principe exilado em sua casa, a quem se dá de comer, e se empresta alguns luizes, é como que possuir uma Rolle Royce, uma amante vestida de zibelinas azues ou um cavallo de corridas afamado. E' puro reclamo para o *parvenu* que o conduz. Diz «o meu grão duque» como diz «o meu *Yacht*, o meu camarote da opera, o meu *Petit Loups* — penso do livro diario, que concorre ao Grand Prix. O desgraçado grão duque anda dum lado para outro, deixa-se mostrar, aparece de sorriso nos labios junto do seu *apoderado*, do seu cornaca, do seu *senhor* que lhe demonstra respeitos, o impõe, fala da Sua Alteza como dum dom do ceu e logo, ao puxar da carteira para lhe servir uns quinhentos francos, o encara raivosamente.

Ora, um dos nossos compatriotas, *apoderou-se* dum grão duque, guardou-o na sua vivenda de Cannes, cedeu-lhe o seu automovel, naturalmente ofereceu-lhe charutos e dinheiro, emfim, teve a sua alteza imperial como possui ao seu galgo da Silesia. E' fidalgo portuguez o ricoço que fez fortuna larga numa operação financeira, na qual entrou o republicano dr. Afonso Costa. Trata-se do senhor D. Manuel de Noronha e dos *Cincoenta milhões de dollars*, a famosa pirotecniа financeira que o enriqueceu e o deixou num douradissimo exilio, sem réceio da cadeia. O seu arquiduque chamava-se Miguel, Boris ou Cyrilo, mas é autentico. estava ao seu serviço, como um objecto de luxo, sob a capa de hospedagem. A sua função, porém, era ouvir o seu «amigo» falar da sua nobresa, como se fosse um fidalgote de fresca data, em vez de ser um milionário de data fresquissima.

Toda a historia de Portugal decorria; os brazões luziam, os estreitamentos das grandes familias de Gotha relembavam-se e Miguel, Boris, Cyrilo, de olhos abertos, quando tinha sono, sorrindo quando se lembrava da familia fusilada, atento quando queria passear as suas pupilas de cos-saco pelo azul do mar, sentia todo o rumor duma heraldica que o enfastiava, aturava-a massava-se como um esfaimado que tem de fazer uma rude tarefa por uma cõeada de pão. Bem sabemos que lhe davam *champagne*, que lhe tornavam facil a vida nos casinos, que não perdia do seu paladar o sabor das carnes delicadas, mas — pobre grão duque — Miguel, Boris ou Cyrilo! — como devia ter vontade de ser antes prisioneiro dos bolchevistas ou de se alistar no exercito vermelho sob o nome dum miseró *moujik*?!

A toda a hora, a todo o instante, a genealogia dos Noronhas passava num tilintar de espadas, num esvoaçar de plumas e se o hospede bocejava, cabeceava ou suspirava, logo se tinha mão na caixa dos charutos.

Atormentado, saturado de aprender a sciencia do brasão, não vendo outra coisa, não sentindo mais nada do que essa avalanche de gente illustre, o desditoso, decerto, maldiria a hora em que ali caíra e perguntaria si proprio qual seria a monomania do seu futuro «amigo».

Explicada magnificamente a geração dos seus antepassados, esquecendo-se, porém, de narrar a origem da sua fortuna, lá andava o nosso exilado compatriota aborrecendo o seu grão duque, conduzindo-o, corna-

cando-o atravez os salões dos casinos e esperando dele, naturalmente, que no inverno o introduzisse nos palacios fechados aos meio sangue, os do bairro Saint Germain, em Paris.

O principe russo já lhe conhece de cór a genealogia, a nobresa, que é boa, e decerto a senhora duqueza de Uzes não recusará um convite ao fidalgo negociante, se sua alteza lh'o insinuar. Daf essas lições que ele escutou pacientemente, até ao momento em que D. Manuel de Noronha chegou ao seculo XVI. Então, num rompante, ergueu-se sob o olhar pasmado do hospedeiro, e jogou a casa, a cama e a meza, o quarto magnifico, o leito pomposo, o *foiè gras* e o *champagne* que lhe davam em troca da sua atenção e para os convidados, disse no seu francez rijo de principe cossaco.

Oh! comme ce monsieur est enuyeux avec ces ancêtres! Je viens de Pierre le Grand, c'est un peu mieux, et je ne parle pas si fort...

Acordara em Miguel, em Boris ou em Cirilo a raça real dir-me-hão. E eu responderei:

Não, o que despertou foi um homem horrivelmente massado.

O Ideal Presidente da Republica

**Do negocio á presidencia.—Uma conspiração no governo provisorio.—A maçonaria na chefia do estado.—Como acabam os chefes da republica.
—Um alvitre patriotico.**

Já os jornais noticiaram quais os candidatos que teem probabilidades de se guindar á presidencia da republica: Teixeira Gomes, Antonio Luiz Gomes, Magalhães Lima. Só a situação material de qualquer dos tres poderá arcar com o logar, porque isto de governar um paiz por 18 contos annualmente, tanto como ganha um mau guarda livros, equivale a subir á guilhotina.

O senhor Teixeira Gomes, porem, é rico. Tem feito otimos negocios em Londres e naturalmente deixará lá os seus caixeiros ou os seus agentes se acaso entrar em Belém, no palacio fatidico, do qual ainda não saú, sem desdita, nenhum dos presidentes que lá morou. O proprio Canto e Castro veiu chancelado pelo horror por si mesmo. E' pois, rico o senhor Teixeira Gomes. Pequeno proprietario algarvio, pouco republicano, irmão dum grande franquista, nem sentiu no seu espirito a idea em marcha. Foi um escritor de vaguidões; Londres abriu-lhe o apetite das riquezas e nogociando á larga em tomates e figos verdes—as côres da bandeira ligadas—acabou senhor de boa pecunia porque lhes juntou o comercio dos figos sêcos, conservas e alfarrobas.

Dezoito contos por ano devem fazel-o rir. Isso ganha sua excelencia numa falua de mantimento. Porém, ha as honrarias; ha o mando; a ligação do seu nome á historia.

O paiz não conhecia este homem antes de Sidonio Pais o ter mandado recolher a um quarto do Avenida Palace porque desacreditou, na Inglaterra, servindo-se do seu posto diplomatico, a revolução vencedora.

O dever deste portuguez era defender o seu paiz. Na furia de obedecer ás ordens de Lisboa—dadas pelo seu chefe, senhor Brito Camacho que lhe deu a posição e a fortuna—foi contra Portugal numa sêde de rancor politico.

Esse presidente é, pois, o delegado do camachismo, o inimigo da obra que a nação aplaudiu e as suas noites no palacio onde viveu aquele que odiava devem ser cortadas de sobresaltos até á hora da desilusão ou . . . do resto.

Nunca julguei que na alma deste comerciante de generos algarvios houvesse um estofa heroico.

Sim que isto de sentir só coleras contra si e querer governar um povo é maior temeridade do que mandar ir do Algarve para Sthoutampton um carrego de figos sem seguro.

O senhor doutor Antonio Luiz Gomes é riquissimo na Brazil. Tambem não o nega. Pode, por consequencia, deixar aos pobres o que o paiz lhe der, esses dezoito contos com que os amanuenses deliram mas engulham decerto quem não almoça carapau de gato. A questão do dinheiro deve ser de menor importancia para sua excelencia.

Não o conheço mas sei-o um homem grave, ponderado, reitor da Universidade. que fez parte do governo provisorio e safu dele em virtude duma singular combinação dos colegas. Ouvi contar o caso a um dos ministros desse ensaio de gabinete reservado do inicio do regimen.

Brito Camacho—sempre ele com seus longos cabelos e a espigada barba—começava a achincalhar, por vezes, a obra dos seus correligionarios. Teofilo, sobretudo, era muito maltratado pelo limoeiro do Calhariz. Deliberou-se prender á responsabilidade do que se estava fazendo o jornalista das picuinhas ferozes. Então, tratava-se de alijar alguém. Deitaram sortes á ventura—como se narra na balada da nau Catrineta—e decidiu-se sacrificar o ministro do fomento: Antonio Luiz Gomes. Camacho iria substitui-lo.—Para demais o supliciado em Lisboa resuscitaria no Brazil, como ministro da republica— e no meio dos seus cafezaes— dissera a alguém, marcando deliciosamente, que não passava dum premio a demissão que lhe davam.

Deste modo o homem serio, que é Antonio Luiz Gomes, foi mandado para longe e amarrou-se o director da *Luta* aos vagidos do Provisorio.

Tornado presidente da republica, amanhã, o actual reitor da Universidade demitir-se-ha em breve porque não sendo um homem para aturar o dominio alheio, com uma linha moral, que até aqui não sofreu desaire, não conseguirá agradar ao partido democratico.

E, então já se vê que numa bela manhã «em nome da republica ferida no seu amago» é assim que eles dizem quando não atendem, o senhor Antonio Luis Gomes terá que embarcar de vez para o Brazil senão perder de todo a possibilidade de resuscitar como quando o enviaram para o meio dos seus cafezaes.

É bem peor que aturar o orfeon academico.

Resta o senhor Magalhães Lima. Homem de habitos modestos, tendo com que viver, sendo dos seus dois adversarios o mais pobre é tambem o mais ligado á vida da republica. Custar-lhe-ha pagar a pompa em Belem com os miseros dezoito contos de ordenado. Tem, um belo aspecto, grande nome no estrangeiro, amizades profundas dalgumas das altas mentalidades europeas e não foi ministro da republica em Paris porque o senhor João Chagas, como dizia o senhor Bernardino Machado, tinha aquella ambição desde pequenino.

Habitudo a todas as situações, tendo lidado pela republica como um paladino romantico, ele até certo ponto, agradaria aos idealistas, aos jacobinos, até aos radicaes, mas desagradaria profundamente aos catholicos. Magalhães Lima foi grão-mestre da maçonaria. Á volta do seu nome fez-se um clamor de ateismo; as almas religiosas não o aceitarão e daí, a contrabalançar-lhe toda á influencia dos contrarios, a desconfiança dos amigos da Igreja.

Mas, agora, pergunto eu, isso terá alguma coisa com a marcha do regimen? Não. Pelo contrario, até esses titulos maçonicos devem agradar aos que estão fartos de atirar machadadas á lé.

Em Belem não ha altares; a maçonaria é poderosa neste meio; dizem-me que Junqueiro—o arrependido de velhos erros de crença—com Teofilo deista mas anti-catolico e com Afonso Costa—o que destruiria a religião em duas gerações—vão assinar um manifesto solicitando os votos para Magalhães Lima, que, na realidade, representa e encarna, melhor do que qualquer dos seus antagonistas, o estado republicano tal como ele se encontra sob o ponto de vista das radicaes aspirações.

Será o eleito? Talvez. Repito; o triunvirato que o recomenda tem influencias mas o que eu não vejo é a maneira pratica de ele se tornar o presidente dum paiz que ama a religião até nas suas exterioridades.

Magalhães Lima transigiria com a maioria? Logo as noites de Belem teriam rumores sinistros...

Mas nesse caso quem será o presidente pela modica quantia de 18 contos?

O senhor Bernardino Machado ficou farto de ouvir tiros, embora não se saciasse de venias; o senhor João Chagas sabe bem que não póde ser o chefe da nação e até as razões porque ninguem o aceitaria correm de bôca em bôca; do senhor Alves da Veiga poucos se lembram. Os que apontei estão desenhados claramente.

Mas, então, quem será o chefe de Estado?

Ora sejamos rasoaveis. Qual é o papel do presidente da republica? Qual a sua acção? Qual a sua preponderancia? Arriaga empenhou-se e foi escorraçado; Bernardino expulsou-o uma revolução, Sidonio assassinado, Canto e Castro comprado, Antonio José de Almeida sofreu o abandono, durante duas revoltas, pois deixaram a sua casa desamparada. Isto emquanto ao respeito, á consideração, á autoridade do cargo. E' flagrante e está documentada largamente esta exposição.

Analisemol-os, porem, nas suas funções. Quaes são elas? Fazer tudo quanto o partido democratico quizer cu sujeitar-se a uma desconsideração (vidé Arriaga), a um tiro (vidé Sidonio), a uma pensão desonesta (vidé Castro). Basta acenar com a cabeça e eis o trabalho. Ha, porem ainda o perigo pelo inverso (vidé Bernardino), pois aceder a tudo quanto os democraticos mandarem, a batalha dos contrários. E' o exilio, no melhor dos casos.

Por consequencia eu—se fosse os senhores que nos governam—decretaria, pura e simplesmente, a supressão do cargo presidencial. Bem sei que precisam parodiar a França... Sim, isto é verdade mas ha uma maneira... Ela é facil, é rasoavel, é até uma solução que eu dou por patriotismo, afim de vêr se é possivel acabar com as constantes revoluções...

Digo-lhes já quem não afrontará nem uns nem outros... Revelo-lhes este fructo do meu cogitamento. Por dezoito contos ficam servidos magnificamente... Podem até livrar-se de eleições presidenciaes. Mas se não se quizerem vêr o mesmo rosto de chefe de estado, pela vida fóra, encomendem-no de quatro em quatro anos.

Ora perguntem á fabrica das Caldas se por 18 contos não se faz já obra aceada e com articulação da cabeça para o sim eterno, o sim bem balanceado, o sim que se deseja?

O almirante e a casa dos inuteis

O ultimo acto do 19 d'outubro — A noite do Arsenal — O que é um almirante — O deposito dos inuteis — O que o paiz precisa saber

E' já no dia 14 o julgamento dos officiaes da armada que na noite tragica de 19 d'outubro assistiram—sem que os tentassem defender—à morte dos seus camaradas.

Em 1906 houve uma rebelião a bordo do *D. Carlos* e um simples tenente, rodeado de marinheiros, Teixeira Marinho, buscou impôr-se-lhes. Cedeu ao numero, foi condemnado num tribunal de guerra e, partindo para a Africa, bateu-se e ganhou no campo a Torre Espada.

O que succedeu a esse inexperiente official, no começo da sua carreira, dignificou-o pelo seu acto de guerra

Não pode já ser esse o caso dum dos militares d'alta patente incriminado nesse delicto sem nome, revelado depois da tragedia com um epilogo picaresco.

Referi-me, com o meu desassombro de sempre, ao almirante Senhor D. Luiz da Camara Leme. Não sei dos antecedentes militares deste chefe da armada nem me cabe averigua-los. Vejo o homem no seu acto de momento e coloco-me na situação dum seu subordinado.

O facto deu-se como os jornais o narraram? Nesse caso o tribunal que o vai julgar tem que lhe arrancar os galões para que de futuro os seus inferiores não receem estar a seu lado nos momentos de perigo. Tenho presentes os depoimentos das testemunhas e pasmo como se tem conservado na armada quem praticou o que elas affirmam.

Uma massa de marinheiros revoltada, dentro do Arsenal de Marinha, isto é, numa praça de guerra, assassinou um dos seus superiores e um almirante—o posto mais alto da sua arma—não só não marcha para essa horda que brama, insulta, fere, mas ainda consente que um grumete ou um taifeiro o empurre e o feche num desvão?! E' crível? Sabe-se, conhece-se, pela leitura dos jornais, o nome desse lugar onde o recolheram: é o *deposito dos inuteis!*

Desde que ali entrou teve a sua condenação. O almirante desapareceu; ficou o fardo.

Não ha em mim o menor desejo de combater um homem quando evoco o seu procedimento mas vibra nos meus nervos a revolta por

sentir assim um almirante da marinha nacional. Outr'ora — e não é preciso recuar muito no tempo — um simples sargento teria procedido melhor.

E' necessario que se definam bem os papeis de cada um na sociedade portuguesa. O que é um almirante? Lá o diz o dicionario: — *oficial general da armada*. Tem tambem outro significado: *variedade de péra*. Não é, porem, de fruta que se trata e logo estamos a tratar dum oficial general colocado diante duma revolta.

Primeiro, é preciso saber o que estava fazendo no Arsenal de Marinha, áquella hora, o senhor almirante Camara Leme. Tinha um comando? Devia, nesse caso, te-lo exercido como quem cumpre uma larga missão de consciencia. Isto é: até ao fim. Não tinha ali nenhuma função? Bastava-lha a autoridade da sua patente para se impôr. Um simples tenente — o senhor Agatão Lança — deu os passos que falharam ao oficial general.

Mas que estava fazendo, naquele lugar, o senhor D. Luiz da Camara Leme se não lhe competia lá estar? Foi por curiosidade, por dedicação á causa que se derimia, por acaso? A sua presença bastava para assegurar um gesto qualquer e decerto ele devia ser feito em prol dos seus camaradas que os marinheiros queriam assassinar. Não o fez, porquê?! Recolheu ou antes deixou-se meter para na casa dos inuteis. Porquê? Decerto não foi porque o seu dever lh'o exigisse e então faltou-lhe. Um oficial general que não cumpre, diante das armas dos inferiores erguidas numa rebeldia, não se pode castigar como um simples tenente, como um subalterno. Dupont, perante dum acto menos grave, ouviu Napoleão I falar em fusilamento.

Estamos em frente dum acontecimento que vai marcar na vida portuguesa. Decerto que o conselho de guerra é todo formado por almirantes; isto é por prazer do reu, por seus colegas na arma, e como abundam os officiais generais numa armada que não tem navios é crível que ainda sobejem muitos para formar mais algumas assembléas de justiça. Esses almirantes, julgando o seu camarada, vão dizer ao paiz uma cousa apenas, só uma, aquella que precisamos saber:

— Seriam capazes de fazer o mesmo?

Da sua resposta depende a sentença e o reu ou é absolvido ou é posto fóra da marinha. Não é o comodo lugar da reforma que se lhe deve dar, não é de novo a casa dos inuteis, mas a demissão.

No caso dos almirantes não se julgarem capazes de praticar o que esse fez o resultado será este. Dando-se o contrario é a absolvição e tambem o tacito acordo com aquele procedimento. Quere dizer: em toda a armada ha officiais generais que, cheios de terror, deixariam assassinar recolhidos numa casota, os seus colegas? Condenam-se a si proprios. O paiz não póde continuar a pagar a quem serve assim a disciplina.

No Arsenal, na noite do assassinio de Carlos da Maia, estava um almirante. Que tinha ido ali fazer? Tomar um posto que lhe pertencia ou simplesmente enviar, pela telegrafia sem fios, um telegrama ao senhor Afonso Costa no qual se contava o triunfo da revolução? Que foi ali fazer? Um gesto ou um frete? Uma acção digna ou uma subserviencia?

Pelo que os jornais narraram apenas vejo uma sombra fugidia, atterrada, recolhida a um desvão. Almirante de marinha de guerra portuguesa não vejo nenhum. Nenhum! Ouçam bem! Nenhum! O que sinto é um fantástico erguer de duendes vindos da cerração do mar, officiais que foram mortos no seu posto ou feridos pelos seus subordinados... Nunes

da Silva, Assis Camilo, Alvaro Ferreira, Policarpo d'Azevedo, Alvaro Marta . . . E depois chacinados, á beira do rio onde a velha marinha iniciava as épopeias . . . Maia, o heroico Maia fusilado á traição! . . . E os seus camaradas que tomavam parte da revolta? Fugidos, tremulos, medrosos, salvando-se. E o almirante, chefe supremo naquele instante, o mais agalado, que fez este? . . . Recolheram-no á casa dos inúteis. Depois de ter avisado o senhor Afonso Costa das fases da revolução tudo estava bem. Não havia mais nenhum dever a cumprir

O tribunal de guerra vai reunir, e desta vez, é que se vai saber como pensam os almirantes duma marinha onde a menor mancha no botão d'ancora não tinha outr'ora maneira de se apagar.

Nessa epoca navegava-se á vela, luctando-se com o mar; agora vela-se a face na vergonha de se saber que um official general fugiu diante do perigo e lucta-se para não se explodir numa indignação profunda ante esse mar de lama da soez politica onde alguns militares mergulharam.

Agora é que vamos vêr a certeza do significado:
— Official general da armada ou variedade de pêra?

A "Seara" alheia

A "União Cívica," dá signal de si — Como me vê um dos seus chefes — O que se lhe deve responder — A acção e a retórica — A felicidade dos ratos da biblioteca

E' crível que tenha esquecido um pouco ao povo, ao qual se dirigia a sua acção, aquele movimento que uns chamaram intelectual e outros da União Cívica. Eu proprio já me tenho compenetrado da ingratição do publico para quem o pretende salvar quando a *Seara Nova* — a sua carta constitucional — me veiu lembrar, pelo aparo ervado — santo Deus! — do senhor Raul Proença que eu fôra «como sempre o mais apaixonado e parcial de todos os criticos». Acrescentava ainda: «(vêr a verdade só dum lado é a sua maxima de historiador — por vezes não a vêr de lado nenhum)».

Posto este conceito devia considerar-me um homem liquidado. Sentir-me, para sempre, perdido desde que me tratavam de mentiroso com a semcerimonia com que um carregão atira ao solo o seu fardo. Mas ainda mais, eu tinha obrigação de me sentir afastado de todo o convívio social desde que ainda juntavam a meus defeitos o possuir «um arcaz de descomposturas» o que me torna o detentor das insolencias, grave qualidade porque a União Cívica embirra com todas as propriedades mesmo quando não dão rendimento.

Eu, porem, que apenas digo claramente o meu sentir «com a grande rudeza antiga» reconhecida pelo defensor da Cívica, tenho o maior prazer em deixar vincando para o futuro — ás vezes ao acaso, na precipitação da faina de quem só da sua pena vive e não se amanuensou jámais — aquilo que a maior parte dos homens do meu tempo apenas balbucia. Nesta epoca em que o pó d'arroz literario procura cobrir as cousas, mascara-las, disfarça-las, esconde-las e vò impalpavel, mas de rumo feito, desde as faces das damas até ás virilidades do Frontão, eu, por um velho habito de rua, continuo a arremessar as minhas pázadas de terra — a União Cívica deve reconhecê-lo — que são preferiveis ao tenue pocho para selputar as grandes miserias desta sociedade corrupta.

Por isso, em vez de me julgar liquidado senti-me perfeitamente; em logar de encontrar em mim, qualquer cousa de menos enchi-me da certeza de que estou inteiro.

As minhas maximas de historiador trata-as o amigo da Cívica num ar-

rango do qual imagina nascer confusão para mim ante o acentuamento do seu desdem. E' risivel.

Nunca me julguei historiador. Ha só um em Portugal: o senhor Gama Barros. Sou apenas um memorialista a acarretar algumas pedras para, os que vierem, escolherem quais as preferiveis para a historia, isto quando descrevo os factos em que entrei. Não passo dum historiografo ao tratar — como na *Independencia do Brazil*, no *Palmela na Emigração* e na *Côrte de Junot em Portugal* — o que os documentos, a reflexão e a analyse me entregam. No primeiro caso, vejo a verdade como quasi todos os contemporaneos duma epoca a encaram; no segundo, apagada a visão, fica o estudo que pode ser errado ácerca de D. João VI ou de Pombal, de D. Pedro IV ou de Carlota Joaquina mas que é, todavia, sempre documentado.

Mas que tem isso? Que admiração causaria se acaso assim fosse? Eu enganar-me-hia sobre o passado, a gente da União Civica ilude-se sobre o presente, pois tendo a pretensão de salvar uma patria, com alguns aforismos, e meia duzia de conferencias, começa por não conhecer o povo ao qual se dirige, por estar fóra do seu momento e ainda por falha absoluta de espirito combativo.

Se eu, na realidade, possuísse um arcaz de descomposturas como iria desenfronhar do seu fundo a peor que lá estivesse guardada para a lançar, rude e descompassada talvez, mas sincera e vibrante, a quem, possuindo mocidade, se limita a atirar a uma nação decadente maximas e programas do alto dos estrados de agremiações pseudo scientificas em vez de ir auscultá-la pelos campos, pelas cidades, viver no seu ambito, revolta-la por fim. Imaginam que alguem, exceptuando meia duzia de intellectuais, recolheu, apreendeu, ou simplesmente guardou, o seu manifesto destinado ao paiz? E' desconhecer esta raça messianica, sebastianista que finge paixões de duas horas e no fim quere que se governem aqueles que contam com o seu esforço. Tem sido assim e para modificar este temperamento é necessario um impulso violento. D. Pedro disse: Heide liberta-los a chicote. Conseguí liberta-los, correram-no a patacos. A republica berrou: Raça de escravos, erguei-vos! Deu-lhe um empurrão e estatalou-os na lama; detestam-na, fingindo ama-la.

De fóra que eu só aplaudo os sinceros e os fogosos, a parte do paiz capaz de se comover e de se deixar matar.

Existem alguns portugueses assim. São esses cem, esses duzentos, esses mil que não de, em volta dum programa é certo, liquidar esta situação que nos humilha. Isso, porem, não é obra para as teorias complicadas dos sabios da *Seara Nova*, já o disse e repito, mas para quem não exite em se lançar numa ação positiva.

O que tem feito até hoje, e já lá vão meses, depois da sua retumbante publicidade, os chefes da União? Quem se lhes uniu? Onde tem o proletariado intelectual e manual, o camponez e o militar agremiados para uma obra de entendimento salvador? Que tem propagado a *Seara*, cuja indole se torna inacessivel ás camadas que é necessario mover, as baixas, as unicas interessantes neste paiz? Nem a conhecem.. Á outra, á classe media, desagradam os seus principios por confusos. Utopias, visões? Nem isso. Diatribes por vezes; planos de filosofia outras, revelações apreciaveis de certa maneira algumas sonhos panados de muitas palavras, de frases demasiadas na maioria das vezes. O publico deve ter a sensação de o que julgam a avançada não é senão um marcar passo

demorado ou a atitude dumas pessoas, que diante dum queijo Gruyère, estão apenas a vender os buracos num receio de gastar aquilo que é, no fim de contas, a mercadoria.

Ação, ação, ação, eis o que é indispensavel. Aparecem, porem, teorias, vaguidões, poesias, como sempre, como em todas as rebeliões romanticas. Em 1820 saudou-se o Supremo Arquitecto do Universo empoladamente e, em 31 de Janeiro em vez de cargas houve uma procissão ao som da *Portuguesa*; em 1910 um exercito de inercia aclamou umas duzias de ousados e depois tudo empalideceu nas complicadas ambições de autenticos aventureiros.

Diante do silencio que sobre elas guardam os da *Seara*, orgão da União e do que se seguiu, o povo não pode deixar de os julgar pertencentes a uma autentica: *Seara* alheia, a que não é dele, a dos outros, dum grupo que paira e o pretende fazer feliz apenas com razões literarias.

Por mim — tão desdenhado e tão acoimado pelo colaborador principal da União Civica na *Seara Nova* — apenas desejo que não se esfalem mais em inuteis gritos de quem espera o poder vindo dum capricho do presidente da republica e nunca duma revolta, e que em vez de salvarem a nação, por seus apregoados processos, salvem antes os livros da Biblioteca Nacional dos terriveis insectos destruidores. Isto por dois motivos: primeiro, por que a nação deles espera mais isso do que a fortuna; segundo, porque se os chamarem ao poder ficará o estabelecimento sem empregados. E que seria dos livros, senhor Deus! que lhes sucederia?

A obra do ministerio seria, em primeiro logar, visto o despovoamento do edificio, a felicidade e engorda dos ratos da Biblioteca.

NO PRÉLO:

AS SENSACIONAIS REVELAÇÕES COM
DOCUMENTOS GRAFICOS ÁCERCA DO

MARQUEZ DE POMBAL
PUPILO DOS JESUITAS

OBRA DE

ROCHA MARTINS

EDIÇÃO DA «LUMEN»

